
Se tivesse chovido durante a madrugada, teria sido perfeito. Um dos prazeres de Ligia era sentir os pés descalços sobre a areia gelada. A caminhada diária na beira da praia era um ritual que ela jamais cancelaria por causa de uma besteira, como o mau tempo – precisaria de um motivo à sua altura, algo como ter acordado com um profundo desprezo pela humanidade a ponto de não querer levantar da cama. Não foi o caso daquela manhã. Não estava detestando a humanidade mais do que de costume, e o ar estava fresco.

Sentir o friozinho no rosto lhe bastava como único tratamento de pele, não era mulher de se melear com hidratantes. Gostava da luz do inverno. Dos humores do mar. Do silêncio a dois com Nuno, quando caminhavam lado a lado, rente à orla, tentando evitar as ondas que, às vezes, ganhavam um impulso inesperado, molhando a barra de suas calças de moleton. Ou de quando ambos ficavam entretidos com algum tema polêmico e esqueciam de cumprimentar,

com um aceno discreto, os raros transeuntes que cruzavam por eles. Nos últimos meses, no entanto, Nuno andava tão cansado que preferia ficar sentado na areia, sobre um casaco puído, enquanto esperava Ligia percorrer a enseada de ponta a ponta.

A casa no modesto balneário de Torre Azul, comprada em 2003 com um dinheiro herdado após a morte do pai de Nuno, foi um salvo-conduto: não havia mais como suportar a convivência, na capital, com pessoas que invadiam sua rotina e os obrigavam a uma monótona conversa de elevador. Adultos que pareciam nunca ter saído da infância. Bobonas e bobões dedicados a reproduzir frases feitas, comentar futilidades e que se orgulhavam de sua cultura televisiva sem se importar com a carência de arte em suas vidas. Gente que lia, por ano, apenas um ou dois livros desimportantes e que só assistia a filmes que estivessem arrecadando boa bilheteria: pronto, resolvido o assunto cabeça. Panacas simpáticos. Fanáticos por futebol e novela. Devotos das piadas de mau gosto. Ter vivido em Paris durante os anos mais fundamentais de suas formações deu a Ligia e Nuno um lustro. Reconheciam a singularidade de tal privilégio, mas esperavam encontrar vida inteligente no lugar que deixaram ainda jovens, e não o deserto intelectual em que havia se transformado seu país. Brasileiros que consideravam filosofia uma matéria entediante, que conheciam Sartre de ouvir falar, que desprezavam os

preceitos do existencialismo por estarem mais preocupados em ser fiéis à sua religião catequizante, que reclamavam do governo sem abandonar seus sofás, que mantinham uma sexualidade de carolas e se achavam muito modernos ao colocar os seios de fora num desfile de carnaval. Um elitismo decadente, que prestigiava baile de debutante e mesa de restaurante cinco estrelas onde o prato era servido cinco minutos depois de pedido, descongelado. O valor mensal da aposentadoria de Nuno e os frilas de Ligia como tradutora eram mais que suficientes para seus vinhos, sua conta de energia elétrica e demais necessidades de um isolamento confortável – incluindo o salário de Juliana.

Nuno saiu da praia apoiado no braço de Ligia, uma inversão de cavalheirismo. Envelhecia dois meses a cada dois dias. Ao voltarem da caminhada, abriram a porta da frente de casa, entraram na sala, e Ligia, atenta, percebeu que as quatro lâmpadas do lustre estavam acesas. As quatro. Um exagero de luz, já tendo passado das nove da manhã e com o sol brilhando lá fora. Ela apagou o interruptor e foi tratar desse assunto na cozinha, enquanto Nuno, depois de deixar seu casaco com restos de areia dependurado no cabide da parede, foi direto ligar o notebook, onde passaria um bom tempo conversando com Jérôme pelo Skype e pesquisando sobre as alterações preocupantes de sua saúde. Andava usando a internet como consultório médico gratuito.

A bela Juliana não tinha do que se queixar de seus 49 quilos e dos seus contornos, mas bem que poderia usar um pedacinho negligenciado do cérebro para se adequar às situações, pensou Ligia. Conteve-se para não comentar sobre o vestuário minúsculo de sua funcionária, cavado em excesso e de um colorido que ofendia suas retinas desacostumadas às cores cítricas.

“A luz da sala estava acesa.”

Percebeu que havia assustado a moça entretida menos com a louça que estava lavando e mais com a música que saía de um celular que repousava sobre a bancada da pia, ligado a um carregador de bateria. Ignorando o pano de prato que só usava para eventos especiais, como retirar uma forma quente de dentro do forno, Juliana enxugou as mãos na própria camiseta e virou-se para a patroa com a insolência que sua idade permitia.

“Bom dia pra senhora também, dona Ligia.”

Ligia não reagiu, no fundo gostava das provocações da menina, resquício de alguma inteligência embutida.

“A senhora saiu e deixou as cortinas fechadas, quando cheguei parecia noite. Acendi a luz da casa e, depois que abri as janelas, esqueci de apagar.”

Ligia não era de manifestar ternura, nem mesmo quando via a jovem explicar-se sobre insignificâncias. A luz acesa até um horário diurno avançado,

quando a luminosidade natural já invadia todos os recintos, não mudaria para pior o curso do mundo, mas havia em Ligia um maquiavelismo qualquer que a fazia sentir prazer em testemunhar o desconforto alheio. Desconforto que seu marido, naquele momento, estava driblando com elegância em frente ao notebook.

2

Alto e esguio, Nuno teria dado um bom jogador de basquete, mas tendo consagrado sua mocidade ao intelecto, o único esporte que lhe restou foi boxear contra o computador. Não que fosse um ignorante em informática, mas Nuno sempre caía em alguma armadilha tecnológica e não podia contar com a esposa para ajudá-lo, ela sabia menos que ele sobre essas geringonças, como carinhosamente chamavam os objetos que pareciam ter vida própria. Ligia usava o notebook apenas para suas traduções literárias e para comunicar-se por e-mail com as editoras – nem mesmo havia se dado o trabalho de montar um escritório em casa. Compartilhava o equipamento com Nuno e, quando dava preguiça de usar a mesa da sala, equilibrava o notebook sobre as pernas, em cima da cama. Além disso, insistia em usar um alquebrado telefone móvel cuja única utilidade era, justamente, telefonar, nenhuma outra. Nuno era tão disfuncional quanto ela, mas fingia ser um expert. Comportava-se como

os homens de sua geração: relutava em entregar os pontos diante das dificuldades. Era comovente a expressão aflita que fazia diante da tela, onde se via a imagem de seu melhor amigo, que estava, naquele instante, em seu apartamento em Montmartre, a um oceano de distância. Mas sem áudio. Nuno enxergava Jérôme movendo a boca como se fosse um ator de cinema mudo.

“Jérôme, você está me escutando?”, perguntou Nuno em francês.

Jérôme não estava escutando. Bastava olhar para seu semblante atabalhoado, a barba por fazer, quase sem cabelo, sem voz e, mesmo sendo mais de duas da tarde em Paris, ainda sem banho.

“Droga!”, exclamava Nuno açoitando o teclado. Nessas horas, nada como um adolescente por perto. Alex, por algum milagre, não estava com seus fones enterrados nos ouvidos, então conseguiu escutar os resmungos do avô e veio do quarto em seu auxílio, aproximando-se por trás, lentamente, como quem teme cometer uma indiscrição.

“Que foi, vô?”

“Jérôme não me escuta”, respondeu Nuno num lamento infantil, e essa fragilidade era das poucas coisas que enterneciam Ligia. Seu marido não tinha perdido a pureza. Ainda parecia o garoto tranquilo que sempre havia sido, único filho mimado de uma família de classe média alta que nunca passou por grandes

apertos. Ao contrário de seus colegas agitados do colégio, ele preferia ler a praticar exercícios, e se nunca foi o líder da turma, tampouco foi excluído: não era de muitas palavras, mas quando falava, dizia sempre algo inteligente e espirituoso, ganhando a aprovação de todos, ao contrário de Ligia, que nunca fora exatamente simpática.

Alex não era alto como o avô e seu corpo permanecia franzino para seus quinze anos, uma magreza esbelta e ao mesmo tempo imatura, sem músculos definidos. Porém o rosto já sugeria o homem viril que haveria de se tornar. O nariz protuberante e os cabelos crespos antecipavam uma rebeldia que lhe cairia muito bem, era só aguardar os tombos futuros. Paciente, deu algumas clicadas no teclado que estava em frente ao avô e o convidou a tentar mais uma vez.

“Jerôme”, chamou Nuno, de novo, com a voz enfraquecida de um náufrago.

“*Voilà!*”, respondeu Jerôme, aliviado. Todos voltaram a se escutar.

Alex permanecia com a mão apoiada no ombro do avô, esperando o reconhecimento da sua ajuda, e ao receber de Nuno três leves tapinhas que significavam “ok, missão cumprida, pode ir”, deixou a sala com o sorriso mil vezes reprisado de quem presta a mesma assistência como se fosse a primeira vez. Ainda escutou o avô iniciando a conversa com Jerôme – “*alors, mon ami*” – antes de alcançar a cozinha, o

ambiente que resolveria um problema muito maior: sua fome.

Encontrou Ligia folheando o livro de receitas, enquanto Juliana lavava um prato que perigosamente se confundia com um pandeiro embaixo da água corrente, tal a empolgação da garota com o vibrante pagode que saía do seu celular.

“Tua música me acordou, Ju”, disse Alex enquanto dava um beijo no rosto de Ligia e abria a geladeira. Ligia desferiu a primeira alfinetada amorosa do dia. “Elogio chamar isso de música.”

Juliana virou-se para Alex, colocando o prato já lavado no escorredor e pegando o último que repousava sujo dentro da pia. Deu uma piscadinha marota para seu único aliado naquela casa que somava mais de 130 anos da dupla proprietária: 66 + 70. “Pra mim até barulho de vento é música”, disse ela.

Ligia manteve o livro de receitas aberto entre as mãos, mas a cabeça ergueu-se como quem escuta um pássaro distante, visivelmente encantada com a inesperada revelação poética de sua jovem funcionária. Quase sorriu, ou realmente sorriu. “Bravo, Juliana. O vento é música. O som das ondas, também. Isso que você está escutando não é.”

O conciliador Alex reconheceu a deixa para aliviar o clima, ainda que confiasse no espírito pacífico de sua amiga Juliana, a quem nunca enxergou como uma empregada doméstica. Ela era mais velha que

ele – se é possível chamar uma garota de dezenove anos de velha –, além de atraente e esperta, mas o que os unia era a cumplicidade de uma geração contra a outra. Sem irmãos, ele tinha em Juliana a confidente perfeita para reclamar do excesso de música clássica e do exclusivismo que Ligia e Nuno cultuavam. Não lembrava dos avós recebendo amigos para um almoço descontraído. Só ligavam a tevê para assistir a filmes ou ao telejornal de um canal universitário que dava traço de audiência. Os livros já não encontravam lugar nas prateleiras e começavam a ser empilhados embaixo das camas, ao lado das estantes, brotando do chão como se fossem um amontoado de tijolos de uma obra inacabada. Eram comprados num sebo virtual e entregues pelo correio.

Alex, com uma fatia de presunto enrolada entre os dedos, deu uma espiada por trás do ombro de Ligia, da mesma forma que havia testemunhado Nuno brigar contra a tela do computador.

“Humm, receita francesa. Aniversário de alguém?”

“Um agrado para seu avô”, respondeu Ligia. “Quem sabe um bouillabaisse traga o apetite dele de volta.”